

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR, HOMOSSEXUALIDADE E O RECONHECIMENTO DA DIVERSIDADE: UM PONTO DE VISTA

Cláudio Delunardo Severino
Rebecca Cerqueira Braga Grande

RESUMO

As discussões associadas ao tema homossexualidade vêm obtendo notoriedade nos espaços de investigação e construção de conhecimento, onde ocorre uma dedicação crescente no que tange à análise das inerências das identidades homossexuais, assim como suas relações com outras identidades. Nesse sentido, nota-se a importância do ambiente escolar no sentido de proporcionar aos discentes momentos para a reflexão e, também, ações para a inclusão da diversidade sexual. O presente estudo tem como objetivo analisar a abordagem da pluralidade sexual nas aulas de Educação Física escolar e o papel do docente nesse contexto. A pesquisa permitiu concluir que as aulas de Educação Física representam um campo vasto para ser explorado com atividades positivas e temas como a homossexualidade e o reconhecimento pelas diversidades podem ser relacionados a uma realidade saudável, onde não se é reprimido por ser fraco, frágil, sensível, diferente ou qualquer outro comportamento que possa desqualificar uma criança por ser quem ela é.

ABSTRACT

Discussions related to the theme homosexuality have obtained notoriety in the areas of research and knowledge building, where there is a growing commitment in relation to the analysis of particularities of homosexual identities as well as their relations with other identities. In this regard, we note the importance of the school environment in order to provide students time for reflection and also actions for the inclusion of sexual diversity. This study aims to analyze the approach of sexual plurality in the classes of Physical Education and the role of teachers in this context. The research concluded that the Physical Education classes represent a vast field to be explored with positive activities and themes such as homosexuality and recognition for diversity can be related to a healthy reality where one is not repressed for being weak, fragile, sensitive, different or any other behavior that might disqualify a child for who she is.

INTRODUÇÃO

Muito tem se discutido a questão diversidade não somente no espaço escolar, mas em considerável parcela dos mais diversos segmentos da sociedade. No cenário estabelecido por

esses debates, nota-se cada vez mais a percepção das distinções dos indivíduos por intermédio de características associadas à raça, opções religiosas, classe social, sexualidade, entre outras formas de classificações. A respeito da sexualidade e a diversidade que a envolve, constata-se ainda uma construção de padrões de condutas morais que, segundo Garcia (2003), estabelece que ocorra uma definição da identidade sexual do indivíduo a partir de uma relação uniforme.

Para Ferrari (2013), as discussões associadas ao tema homossexualidade vêm obtendo há algum tempo notoriedade nos espaços de investigação e construção de conhecimento, por exemplo, a literatura, a psicologia, a sociologia e a educação, onde ocorre uma dedicação crescente no que tange à análise das inerências das identidades homossexuais, assim como suas relações com outras identidades, o que favorece a percepção de que, de acordo com Felipe (2007), existem diversas possibilidades de viver as masculinidades e feminilidades a partir de construções socioculturais.

Em geral, a homossexualidade sempre foi parte componente da sexualidade. Não obstante, segundo Okita (2015), um número considerável de estudos antropológicos e sociológicos apresenta um preconceito latente contra os homossexuais e as mulheres, mesmo a considerar que esses mesmos estudos invariavelmente demonstram com clareza o fato de que a homossexualidade sempre ter sido parte integrante da experiência humana. Sobre esse preconceito, Preciado (2014) afirma que os enunciados de gênero, desde o nascimento (menino ou menina), até os insultos, como "bicha" ou "sapatão" são, na verdade, citações ritualizadas de uma 'lei' heterossexual.

No espaço escolar, o discente pode ser caracterizado por intermédio de vários aspectos já mencionados, por exemplo, raça, classe social, faixa etária ou gênero. Não obstante, a sexualidade tem sido apontada como um tema que, sob a perspectiva de Altmann (2001), transcende questões disciplinares ou de gênero, sendo discutida em todo o campo pedagógico. Nessas discussões, Goellner (2010) observa que aceitar o fato de que ser diferente não pode ser considerado como ser desigual deve estar inserido nos debates acerca do reconhecimento da diversidade. Tais discussões devem, no entendimento de Quirino e Rocha (2012), estarem presentes nas escolas a partir da premissa de que as mesmas representam um espaço plural na visão de toda a comunidade escolar e, também, no campo ideológico no qual é possível ser percebida uma gama de ideias que podem influenciar as ações de ordem dominante.

Nesse contexto, Borges e Meyer (2008) refletem sobre a importância do ambiente escolar no sentido de proporcionar aos discentes momentos para a reflexão e, também, ações para a inclusão da diversidade sexual, pois a escola pode ser compreendida como um espaço adequado para a implantação de políticas que objetivam a saúde dos alunos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, segundo Altmann (2001), ao criar o tema transversal Orientação Sexual que deveria ser desenvolvido em todos os ciclos de escolarização demonstraram a preocupação do poder público com a sexualidade da população. Nos PCNs, percebe-se que não somente a família, mas também os profissionais de educação deveriam cuidar do tema e que a Educação Física em ambiente escolar seria considerada como um espaço adequado para as ações voltadas para a orientação sexual dos alunos.

O estudo tem como objetivo analisar a abordagem da pluralidade sexual nas aulas de Educação Física escolar e o papel do docente nesse contexto. A pesquisa se justifica pela sua relevância como produção de conhecimentos voltados para a área da Educação Física Escolar, além do contributo desta disciplina no sentido de promover a reflexão por parte dos discentes no que tange à construção de uma sociedade mais igualitária. Para Borges e Meyer (2008), o potencial crítico e questionador existente no espaço escolar pode representar uma opção para modificar comportamentos que possam proporcionar transformações coletivas.

O CORPO, A SEXUALIDADE E A HOMOSSEXUALIDADE

O corpo, como explicita Goellner (2010), não deve ser interpretado como algo que nos pertence, mas sim como uma representação de nossa própria identidade. Isso nos remete à questão de que o corpo não é unicamente biológico, a considerar uma relação entre a natureza e a cultura que, segundo a autora mencionada, ocasiona uma construção na qual são estabelecidos sinais associados ao tempo, espaço, etnias, grupos sociais, entre outros.

Essa afirmação leva a pensar, por exemplo, que nem mesmo aquilo que é dado como *natural* do corpo existe sem a intervenção da cultura. Pensemos: ter fome ou sede, por exemplo, são necessidades biológicas que se expressam na materialidade do corpo. Podemos dizer, então, que todas as pessoas, se não se alimentarem, sentirão a sensação da fome e que esta, além de ser da natureza do corpo, é universal. No entanto, se analisarmos com mais atenção, perceberemos que são bastante diversos

os motivos pelos quais sentimos essas necessidades ou ainda os produtos que poderão saciá-las (GOELLNER, 2010, p. 73).

Para Peres (*in* SOUZA; SABATINE; MAGALHÃES, 2011) e Melo (2009), o corpo representa o resultado das ocorrências e, devido a isso, é envolvido por valores e discursos que designam o seu andamento em consonância com leis e instituições que dominam o contexto no qual o mesmo está inserido. O referido autor conclui com a afirmação de que além dos campos biológico e fisiológico, o corpo envolve proporções históricas, sociais e individuais que interagem com diversas linguagens contemporâneas, por exemplo, experimentações físicas, emocionais e afetivas.

Os corpos abjetos são os corpos “outsider”, fora da ordem dada pelas instancias do poder, que não se afinam aos modelos previamente dados, que são desobedientes e transgressores. Corpos que se alteram com as tatuagens e os piercings, com as academias de ginásticas e as múltiplas dietas, com as cirurgias plásticas, aplicações de botox e de metacrilato, corpos que se alteram para todos os lados e de todas as formas, atualizando suas potencialidades mutantes. (PERES *in* SOUZA; SABATINE; MAGALHÃES, 2011, p. 76)

Ao estabelecer conceitos acerca do corpo, Silva et al. (2015), entendem que além de uma dimensão biológica, a sua construção ocorre também a partir de sua inserção sociocultural, além da influência estabelecida por um determinado processo histórico. Goellner (2010) complementa com a afirmação de que o corpo resulta de uma construção cultural onde são estabelecidas características vinculadas, por exemplo, ao tempo, ao espaço e grupos sociais e, no estudo realizado por Silva, Botelho-Gomes e Goellner (2008), afirma-se que o corpo, compreendido como fonte em uma definição atrelada à masculinidade ou à feminilidade, é um processo social inalterável. Essa última afirmação é corroborada também por Goellner (2010), que acrescenta que tal visão acerca do corpo implica na compreensão de que o mesmo não deve ser compreendido de maneira natural e biológica, mas também como um produto da relação entre cultura e a natureza.

Todavia, ao pensar na relação entre o corpo e a sexualidade, ressalta-se que a mesma é considerada uma construção de um discurso vinculado à modernidade, não ocorrendo, portanto, uma condição ou orientação sexual que possa ser definida como natural (QUIRINO; ROCHA, 2012; SOUZA; DINIS, 2010). Santos (2012) complementa o conceito de sexualidade com a afirmação de que esta se refere a um cabedal de descobertas, ações, e

experiências associadas ao ato sexual, revestidos por valores estabelecidos por comportamentos sociais relacionados ao coletivo.

Acerca da sexualidade, Goellner (2010) a interpreta como algo relacionado com um conjunto de comportamentos e relações historicamente estabelecidas que possibilitam aos indivíduos viverem seus anseios e prazeres corporais de diversas formas. Ela também pode ser interpretada como uma construção baseada em um processo de reflexão e autoconhecimento, não sendo considerada unicamente como um instinto natural (SANTOS, 2012).

Ainda sobre a sexualidade, Foucault (2014) pontua que o sexo, no decorrer de séculos, foi ligado à verdade nas sociedades ocidentais. Nelas, segundo o autor, era necessário considerar que o sexo deveria ser examinado para, posteriormente, ser transformado em discurso onde seria permitido falar em sexualidade, desde que com a intenção de negá-lo. Em termos distintos, Foucault afirma que o tema acerca da sexualidade poderia vir à tona, desde que com o intuito de recriminá-la sob o pretexto de proibir o sexo ou ao menos estabelecer uma distância entre ele e a consciência. A relação da sexualidade com o discurso também é observada por Felipe (2007), que expõe o fato de que em distintas culturas e períodos históricos, nota-se que o tema sempre foi apontado em discussões, se tornando alvo de regulações permanentes.

Marola, Sanches e Cardoso (2011) também associam, em um contexto histórico, a sexualidade ao Ocidente, onde se observa que na antiguidade, romanos e gregos vivenciavam uma liberdade sexual em dissonância com a percepção da moralidade, em um cenário no qual o sexo era visto como uma fonte de prazer e reprodução, bem como o caminho para sentimentos de amor e sensualidade.

Altmann (2001) designa a sexualidade como o que há de mais íntimo na espécie humana, definindo-a como um tema de interesse público, pois o comportamento do indivíduo encontra-se vinculado à saúde, à natalidade e ao povoamento, levando a permanentes controles, ordenações espaciais e exames de ordem médica. Portanto, pode ser referida a um caminho relacionado a aspectos públicos, instituindo a sociedade como um objeto de saber e poder.

Quirino e Rocha (2012) percebem a sexualidade como um conceito relacionado às ciências sociais no qual está inserido um cabedal de regras que codifica as experiências sexuais dos indivíduos, estabelecendo-se um sistema onde se organizam as características masculinas e femininas em uma sociedade de maneira contrastante. Nesse sentido, Goellner (2010) afirma que se os corpos são distintos, torna-se mister refletir a sexualidade também é, constituindo assim a identidade da cada sujeito.

Em se tratando da orientação sexual, Goellner (2010) explicita que esta é utilizada para abranger as possibilidades que o indivíduo tem para viver a sua sexualidade, significando, portanto, a orientação que se concede à sua sexualidade. Cardoso (2008) entende que, em diversas ocasiões, o conceito acerca da orientação sexual está vinculado ao desejo do indivíduo, ou seja, se para o sexo oposto, mesmo sexo ou para ambos. Nesse contexto, o desejo sexual é interpretado como um estado subjetivo com características sociais e interpessoais a partir de práticas e parceiros sexuais.

Quando se reporta à homossexualidade, observa-se que a partir dos padrões preestabelecidos pela sociedade, o indivíduo é amoldado como homem ou mulher, ou seja, se nascido fêmea, se estabelece um percurso para se tornar mulher, o mesmo ocorrendo com o macho, que cumprirá, de acordo com os padrões já mencionados, as etapas para se transformar em homem. Diante de tais concepções, percebe-se que a sociedade em geral desaprova qualquer comportamento que não esteja em consonância com esses padrões. Nesse cenário, os indivíduos que não se encontram nos modelos determinados pela cultura são denominados homossexuais, o que pode ser compreendido como "sexo igual", podendo ser designado para ambos os sexos (SANTOS, 2012).

Em diversas ocasiões, utilizam-se inverdades baseadas em construções sociais para que o preconceito e até a violência sejam empregados contra os indivíduos que não apresentam características que atendam aos padrões preestabelecidos pela maioria. Segundo Ribeiro (2009, p. 26), a violência contra esses cidadãos ocorre em três dimensões: "a) a construção ideológica da figura do outro a partir de critérios pretensamente universais e abstratos; b) a desvalorização desse outro construído e c) a prática de atos de violência simbólica ou física contra ele".

Conclui-se com o ponto de vista estabelecido por Anjos (2002), que afirma que o comportamento homossexual deve ser interpretado unicamente como uma característica humana, não sendo definida como superior ou inferior, mas como uma diferença, apenas. Ressalta-se a relevância de que tal afirmação rompe com a hipótese de que a homossexualidade é algo a ser considerado como negativo. Enfatiza-se, nesse caso, que a homossexualidade deve ser associada à cidadania, rompendo, portanto, com a prevalência que os conceitos preestabelecidos pela sociedade atuam sobre ela.

AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A DIVERSIDADE SEXUAL

O ambiente escolar é considerado, na perspectiva de Felipe (2007), como um importante cenário para o convívio social, o que torna relevante o seu papel no desenvolvimento das expectativas relacionadas à identidade sexual. Segundo a referida autora, se percebe nas escolas uma relação de poder entre os gêneros em muitas ocasiões por intermédio de piadas e, também, por meio de um controle que almeja estabelecer normas para as condutas que “supostamente” não são características de um gênero específico. Observa-se que esse controle foi conceituado em 1993 por Michael Warner como heteronormatividade, que define a sexualidade heterossexual como universal, mantendo a sua hegemonia por intermédio da subalternização de outras sexualidades, às quais impõe seu padrão (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008; POCAHY; DORNELLES, 2010; DINIS, 2011; SOUZA; SABATINE; MAGALHÃES, 2011; SANTOS, 2012). Complementa-se com a afirmação de que além do controle das condutas sexuais, a heteronormatividade estabelece referências associadas aos comportamentos e identidades a partir da pressuposição do conceito de que a masculinidade se baseia na repressão de aspectos tidos como femininos e insere o indivíduo em um conflito entre o masculino e o feminino. Nesse caso, os conceitos de masculinidade e feminilidade são atrelados às questões de gênero produzidas dentro das relações de poder histórica e socialmente construídas (ANJOS, 2015).

Santos (2012) afirma que a escola aborda a sexologia de uma maneira padronizada, estabelecendo como comportamento normal a relação entre opostos, ou seja, homem e mulher. A autora complementa com a afirmação de que a escola invariavelmente oportuniza

aos discentes uma educação sexual direcionada aos heterossexuais, não considerando aqueles que os valores morais consideram como "diferentes".

No entendimento de Felipe (2007), as escolas devem ampliar os debates que envolvem a sexualidade e as questões de gênero. Não obstante, torna-se necessária a percepção de como os distintos grupos sociais, no âmbito cultural, estabelecem estratégias para controlar os corpos no espaço escolar e, dentro da heteronormatividade, estabelecerem normas que definem as atitudes como normais ou não. Além da vigilância e do castigo, Dinis (2011) aponta que o *bullying* considerado homofóbico tem ocasionado a evasão escolar daqueles indivíduos que apresentam identidades sexuais em dissonância com a heteronormatividade. Sobre isso, Ribeiro (2009) observa que na condição de construção ideológica, a heterossexualidade é estabelecida como uma identidade natural em confronto com o "outro", além da criação de uma classe considerada inferior e desvalorizada que é quase sempre tratada com expressões pejorativas. Dinis (2011) complementa com a informação de que adolescentes travestis e transexuais representam as principais vítimas desse processo, pois são forçados a abandonar os estudos pela dificuldade em ocultar sua diferença. Enfatiza-se que esse comportamento preconceituoso muitas vezes visto no ambiente escolar representa conceitos que acompanham o indivíduo desde o nascimento, reproduzidos sob a forma de piadas que transpassam gerações e que são resultados de um pensamento considerado alienado (SANTOS, 2012).

Em se tratando da Educação Física escolar, nota-se que o seu cotidiano não se encontra livre da característica de que as discentes são pressionadas a apresentarem um comportamento heterossexual que não desperte suspeitas, mesma situação ocorrendo com os rapazes, que necessitam da solidificação da masculinidade quando da execução dos movimentos vinculados às atividades praticadas nas aulas. Nesse sentido, em diversas ocasiões se percebe que os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física parecem se inspirar e reproduzir as ideologias da heterossexualidade feminina e masculina (SILVA; BOTELHO-GOMES; GOELLNER, 2008). Para Santos (2012), os discentes considerados heterossexuais apresentam diversificadas opiniões acerca dos homossexuais. Estas são estabelecidas a partir de influências familiares, religiosas ou sociais. Nesse cenário, percebe-se a importância da identificação do nível de preconceito existente no espaço escolar para que

se torne possível uma diminuição da aversão e, principalmente, da aceitação e do respeito entre todos os integrantes da comunidade escolar.

Sobre o papel da escola nesse contexto, Moraes, Oliveira e Fecho (2011), percebe-se ser esta um cenário adequado para discutir a diversidade a partir de uma percepção emancipatória, sendo os diretores e professores os responsáveis pelo planejamento e aplicação de ações pedagógicas que objetivem a construção de pensamento voltado para a pluralidade. Não obstante, não se percebe em todas as ocasiões onde se permite a reflexão que propicie a reflexão no que tange à compreensão de questões que envolvem temas como, por exemplo, a diversidade sexual. Tornam-se necessário, portanto, ações que propiciem a discussão a respeito da diversidade sexual no ambiente escolar com o intuito de formar uma sociedade composta por cidadãos plenos, críticos e conscientes.

O PAPEL DO PROFESSOR

As aulas de Educação Física se constituem em um fecundo cenário para o confronto das identidades masculinas, femininas e homossexuais, sendo que a associação do contexto social com as ações educativas são elementos relevantes para a análise da postura dos docentes da referida disciplina (FERRARI, 2003). Sobre isso, Moraes, Oliveira e Fecho (2011) explicam que a Educação Física escolar apresenta como objetivo a educação do corpo por intermédio da prática corporal, utilizando os ambientes externos para manifestações incomuns à sala de aula, já que nesta o corpo não é compreendido de maneira livre e exposta.

Os autores supracitados afirmam que alguns comportamentos vinculados à identidade homossexual terminam por interferir diretamente nas ações pedagógicas desenvolvidas em aula, acarretando na transformação dos discentes em cidadãos desprovidos de um discernimento crítico, inseguros e inferiorizados. Nessa condição, o docente de Educação Física possui um papel relevante na formação global dos discentes, principalmente acerca de um processo educacional transformador.

De acordo com Oliveira, Godoi e Santos (2014), as ações promovidas pelos docentes devem se iniciar com uma observação criteriosa a respeito das leis que abordam o tema, o que menciona os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a legislação acerca dos direitos

sexuais e, também, um estudo do referencial teórico voltado para a sexualidade. A partir desse cabedal teórico, o docente deve se basear nos conhecimentos adquiridos para trabalhar o tema em suas aulas, oportunizando os debates sobre a importância da igualdade de gênero, a valorização dos direitos humanos e o respeito à diversidade sexual. Para que isso ocorra, torna-se importante que os professores utilizem procedimentos metodológicos que estimulem a reflexão por parte dos discentes tanto sobre si como o outro. Para essa reflexão sobre um tema considerado polêmico, torna-se mister a participação de profissionais éticos, capacitados e desprovidos de conceitos discriminatórios (OLIVEIRA; GODOI, SANTOS, 2014).

Moraes, Oliveira e Fecho (2011) apontam que o docente de Educação Física pode ser considerado um referencial significativo para os discentes, a considerar que esta disciplina oportuniza a mobilização de questões afetivas, sociais, éticas e de sexualidade de maneira explícita, o que possibilita ao docente um conhecimento abrangente a respeito dos seus alunos. Nesse contexto, os mesmos autores afirmam que compete ao professor a identificação e a distinção de manifestações por parte dos alunos que possam ser caracterizadas como discriminatórias para que possam ser estabelecidas ações educativas e preventivas de acordo com a realidade da escola.

A respeito do comportamento do professor de Educação Física diante da abordagem da pluralidade sexual em suas aulas, Silva e Schwartz (2001) mencionam que o emprego da sensatez e da imparcialidade deve prevalecer nas ações empregadas. Deve-se ter a atenção necessária para que os valores, crenças e opiniões não sejam considerados como verdadeiros e definitivos. É relevante observar que, segundo as próprias autoras, isso não deve significar uma indiferença por parte do professor ou que o mesmo não deva expor as suas opiniões acerca do tema em questão, mas sim a conscientização de que a sua postura diante das discussões que envolvem a pluralidade sexual, o preconceito e o respeito pelas diferenças pode representar a formação de um conjunto de atitudes que muito beneficiará a construção de uma sociedade mais justa, plural e humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O saber sobre sexualidade, heterossexualidade e homossexualidade inserido nas escolas traz aos alunos conhecimentos que lhe foram evitados por dita proteção, porém, a dúvida e o desconhecimento do assunto oportunizam a violência. Percebe-se que em muitas

ocasiões, o desenvolvimento do indivíduo é caracterizado pela falta de acesso ao conhecimento no que tange à diversidade, o que o remete ao comportamento contrário e temeroso em relação ao desconhecido.

O conhecimento que absorvido de imediato é o que a família e a escola proporcionam e, devido à faixa etária e a carga horária estabelecida pela rotina escolar, o convívio da criança com as atividades realizadas no espaço formal é superior à sua relação com os pais. Nesse sentido, nota-se que os conhecimentos adquiridos na escola são de grande importância para o início da compreensão acerca de temas associados ao convívio social e, por isso, percebe-se a necessidade de oportunizar não somente aos discentes, mas a toda comunidade escolar, o acesso a todas as informações vinculadas à diversidade, bem como o seu devido reconhecimento. Nesse caminho, é mister a promoção de debates que abstraíam as concepções sobre o referido tema e a percepção de uma sociedade na qual o diferente não seja visto como pior, inferior ou menor.

Nas aulas de Educação Física é evidente a aproximação do aluno com o professor. Nessa direção, torna-se possível uma interferência por parte do professor no sentido de possibilitar em suas aulas o diálogo, o respeito pelas diferenças e o conhecimento de valores primordiais para uma boa convivência consigo e com o meio, minimizando, assim, as manifestações contrárias aos comportamentos nem sempre estabelecidos como normais pelos padrões ditados pela sociedade. A Educação Física tem um campo vasto para ser explorado com atividades positivas e temas como a homossexualidade e o reconhecimento pelas diversidades podem ser relacionados a uma realidade saudável, onde não se é reprimido por ser fraco, frágil, sensível, diferente ou qualquer outro comportamento que possa desqualificar uma criança por ser quem ela é.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMANN, Helena. Orientação sexual nos Parâmetros Curriculares Nacionais. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 575-585, 2001.

ANJOS, Gabrielle dos. Homossexualidade, direitos humanos e cidadania. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 222-252, jan./jun., 2002.

ANJOS, Luiza Aguiar dos. “Volei masculino é para homem”: representações do homossexual e do torcedora partir de um episódio de homofobia. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 1, p. 11-24, jan./mar. de 2015.

BARROS, Aidil Jesus Paes; LEHFELD, Neide Aparecida de Souza. **Fundamentos da metodologia científica**. São Paulo: Makron, 2007.

BORGES, Zulmira Newlands; MEYER, Dagmar Estermann. Limites e possibilidades de uma ação educativa na redução da vulnerabilidade à violência e à homofobia. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 58, p. 59-76, jan./mar. 2008.

CARDOSO, Fernando Luiz. O conceito de orientação sexual na encruzilhada entre sexo, gênero e motricidade. **Revista Interamericana de Psicologia/Interamerican Journal of Psychology**, Porto Alegre, v. 42, n. 1 p. 69-79, 2008.

DINIS, Nilson Fernandes. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

FELIPE, Jane. Gênero, sexualidade e a produção de pesquisas no campo da educação: possibilidades, limites e a formulação de políticas públicas. **Pro-posições**, Campinas, v. 18, n. 2, p. 77-87, mai./ago. 2007.

FERRARI, Anderson. "Esses alunos desumanos": a construção das identidades homossexuais na escola. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 87-111, jan./jul. 2003.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 28. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

GARCIA, Olga Regina Zigelli. Prática sexual entre mulheres: identidade ou pluralidade sexual?. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, n. 56, p. 1-20, dez. 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A educação dos corpos, dos gêneros e das sexualidades e o reconhecimento da diversidade. **Cadernos de Formação RBCE**, Porto Alegre, v. 1, p. 71-83, mar. 2010.

MAROLA, Caroline Andreia Garrido; SANCHES, Carolina Silva Munhoz; CARDOSO, Lucila Moraes. Formação de conceitos em sexualidade na adolescência e suas influências. **Psicologia da Educação**, São Paulo, v. 33, p. 95-118, 2011.

MELO, Sônia Maria Martins de. **Corporeidade e diversidade**: reflexões sobre a delicada trama entre o eu e o outro. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual**: múltiplos temas, compromisso comum. Londrina: UEL, 2009.

MORAES, Lidiane Marrero de; OLIVEIRA, Regiane Gonçalves de; FECHIO, Juliane Jellmayer. A homossexualidade e o bullying na educação física escolar. **EFDeportes.com Revista Digital**, v. 15, n. 153, fev. 2011.

OKITA, Hiro. **Homossexualidade**: da opressão à libertação. 2. ed. São Paulo: Sundermann, 2015.

OLIVEIRA, Xênia Ferreira de; GODOI, Marcos Roberto; SANTOS, Luciene Neves. A opinião dos professores de educação física do Ensino Médio sobre a homossexualidade e a homofobia na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, out./dez. 2014.

POCAHY, Fernando; DORNELLES, Priscila Gomes. Um corpo entre o gênero e a sexualidade: notas sobre a educação e abjeção. **Instrumento: R. Est. Pesq. Educ.**, Juiz de Fora, v. 12, n. 2, p. 125-136, jul./dez. 2010

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2014.

QUIRINO, Glauberto da Silva; ROCHA, João Batista Teixeira. Sexualidade e educação sexual na percepção docente. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 43, p. 205-224, jan./mar. 2012.

RIBEIRO, Hughes Costa de França. **Direitos humanos, direitos sexuais e as minorias sexuais**. In: FIGUEIRÓ, Mary Neide Damico (Org.). **Educação sexual: múltiplos temas, compromisso comum**. Londrina: UEL, 2009.

SANTOS, Vanessa dos. Homossexualidade no ambiente escolar. **LENPES-PIBID de Ciências Sociais**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 1-17, jul./dez. 2012.

SILVA, Renata Laudares; SCHWARTZ, Gisele Maria. Ética x preconceito: um desafio para profissionais no âmbito do lazer. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 35-41, 2. sem. 2001.

SILVA, Fernanda Azevedo Gomes *et al.* A educação física no ensino médio: um olhar sobre o corpo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 673-685, jul./set., 2015.

SILVA, Paula; BOTELHO-GOMES, Paula; GOELLNER, Silvana Vilodre. Educação física no sistema educativo português: um espaço de reafirmação da masculinidade hegemônica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 219-233, jul./set. 2008.

SOUZA, Leandro Corsico; DINIS, Nilson Fernandes. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação docente em biologia. **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3, p. 119-134, set./dez. 2010.

SOUZA, Luiz Antônio Francisco; SABATINE, Thiago Teixeira; MAGALHÃES, Boris Ribeiro (Orgs.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.